



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

MARIA DO ROSARIO MONTEIRO DOS SANTOS

**ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES QUILOMBOLAS: utilização de
metodologias ativas para a expressão da historicidade**

ARAGUAÍNA-TO

2026

MARIA DO ROSARIO MONTEIRO DOS SANTOS

ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES QUILOMBOLAS: utilização de metodologias ativas para a expressão da historicidade

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de artigo, apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Centro de Ciências Integradas para a obtenção do título de Tecnólogo em Turismo.

Orientador(a): Dra. Andressa Ferreira Ramalho Leite.

ARAGUAÍNA-TO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D722e dos Santos, Maria do Rosário Monteiro.

ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES QUILOMBOLAS :
utilização de metodologias ativas para a expressão da historicidade /
Maria do Rosário Monteiro dos Santos. - Centro de Ciências
Integradas - CCI, TO, 2026.
36 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Gestão de Turismo) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Andressa Ferreira Ramalho Leite.

1. Quilombo. 2. Mulheres. 3. Escrivivência.

CDD 338.47

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

MARIA DO ROSARIO MONTEIRO DOS SANTOS

ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES QUILOMBOLAS: utilização de metodologias ativas para a expressão da historicidade

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de artigo, apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Centro de Ciências Integradas - Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo. O trabalho foi avaliado para a obtenção do título de Tecnólogo em Turismo e aprovado, em sua forma final, pelo orientador(a) e banca avaliadora.

Nota: 10,0

Araguaína-TO, 22 de junho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andressa Ferreira Ramalho Leite - Orientadora
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo - UFNT

Profa. Dra Renata Rauta Petarly – Banca Examinadora
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e PPGCult – UFNT

Profa. Dra Kenia Gonçalves Costa - Banca Examinadora
Curso de Geografia e PPGCult – UFNT

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e a oportunidade de retomar os estudos. Aos amigos e familiares, pelo apoio e suporte concedidos diariamente. Vocês são a minha base. Aos professores, pelo estímulo ao estudo e pesquisa. À comunidade Dona Juscelina agradeço pelas vivências e o espírito coletivo. Ninguém solta a mão de ninguém. Gratidão!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa da localização geográfica do Memorial da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia-TO	10
FIGURAS 2, 3, 4 e 5 – Participação em eventos, artesanato e Grupo de Raizeiras	16
FIGURA 6 – Dona Juscelina no Memorial que leva o seu nome	18
FIGURAS 7, 8, 9 e 10 – Festejo da Abolição na Comunidade Quilombola Dona Juscelina	19
FIGURAS 11 e 12 – Grupo Mulheres Raizeiras	21

RESUMO

As memórias e a ancestralidade se encontram nos espaços de convivência mútua, nos terreiros, nos quilombos, nos territórios ancestrais, nos povos da floresta, nos movimentos com os anciões e os griôs proporcionando as trocas intergeracionais nesses territórios, que por vezes, encontram-se esquecidos ou pouco valorizados nas narrativas hegemônicas e segregadas da sociedade contemporânea. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva captar, em síntese, as vivências das mulheres quilombolas e suas atividades na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, localizado no município de Muricilândia, Estado do Tocantins, Região Norte do Brasil, norteado pelos seguintes objetivos específicos: a) Descrever a história da comunidade e a liderança feminina; b) Identificar a percepção das mulheres que desenvolvem ações na comunidade supracitada. A fundamentação teórica desse trabalho está alicerçada nos seguintes autores: Gramsci (1917), Haesbaert (1997, 1999), Moura (1981; 1987), Hooks (1995, 2000), Bonnemaison (2000), O'dwyer (2002), Freire (2000), Federici (2017), González, 2018, Evaristo (2020), Ferreira, Eiterer, Miranda (2021), Soares (2021), Souza & Pacheco (2025), dentre outros. A presente pesquisa se apresenta de abordagem qualitativa de dados e natureza descritiva e exploratória, tendo como recorte socioespacial, a Comunidade Quilombola Dona Juscelina, localizada em Muricilândia-TO. Para captação de dados, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática e áreas correlatas, assim como uma pesquisa-ação participante, onde foi possível a coleta de depoimentos pessoais através da Metodologia Ativa – Escrivência (Evaristo, 2020, Souza & Pacheco, 2025). Por meio de um contato prévio com cada mulher que se dispôs a participar dos depoimentos, foram agendados dias e horários, de acordo com cada disponibilidade, para um encontro presencial, onde cada uma participante teve a liberdade de fala e escrita a próprio punho. Todas as mulheres participantes expressaram suas concordâncias a partir da leitura do termo de consentimento (Apêndice I), no início de cada entrevista, informando que cada participante poderia desistir de sua participação a qualquer momento de sua fala. Para análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (1977), que é uma técnica que se concentra na identificação e classificação das proposições ou ideias centrais presentes nos dados coletados. Os capítulos discutem sobre a história quilombola no Brasil, sua importância, territorialidades, e aspectos sociais. Além disso, o estudo apresenta as narrativas da liderança feminina nos quilombos, a partir da escrivência dessas mulheres e as suas memórias.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo. Mulheres. Escrivência.

ABSTRACT

Memories and ancestry meet in spaces of mutual coexistence, in sacred spaces, in quilombos (settlements founded by escaped slaves), in ancestral territories, among forest peoples, in movements with elders and griots, providing intergenerational exchanges in these territories, which are sometimes forgotten or undervalued in the hegemonic and segregated narratives of contemporary society. In this context, this work aims to capture, in summary, the experiences of quilombola women and their activities in the Dona Juscelina Quilombola Community, located in the municipality of Muricilândia, State of Tocantins, Northern Region of Brazil, guided by the following specific objectives: a) To describe the history of the community and female leadership; b) To identify the perception of the women who develop actions in the aforementioned community. The theoretical foundation of this work is based on the following authors: Gramsci (1917), Haesbaert (1997, 1999), Moura (1981; 1987), Hooks (1995, 2000), Bonnemaison (2000), O'dwyer (2002), Freire (2000), Federici (2017), González, 2018, Evaristo (2020), Ferreira, Eiterer, Miranda (2021), Soares (2021), Souza & Pacheco (2025), among others. This research presents a qualitative data approach and a descriptive and exploratory nature, focusing on the socio-spatial context of the Dona Juscelina Quilombola Community, located in Muricilândia-TO. Data collection involved a literature review on the topic and related areas, as well as participatory action research, which allowed for the collection of personal testimonies through the Active Methodology – Writing-Experience (Evaristo, 2020; Souza & Pacheco, 2025). Through prior contact with each woman who agreed to participate in the testimonies, dates and times were scheduled, according to each participant's availability, for an in-person meeting where each participant had the freedom to speak and write in their own handwriting. All participating women expressed their agreement after reading the consent form (Appendix I) at the beginning of each interview, which stated that each participant could withdraw from the interview at any point during their testimony. For data analysis, Bardin's (1977) content analysis was used, a technique that focuses on identifying and classifying the central propositions or ideas present in the collected data. The chapters discuss the history of quilombos in Brazil, their importance, territorialities, and social aspects. In addition, the study presents narratives of female leadership in quilombos, based on the lived experience of these women and their memories.

KEYWORDS: Quilombo. Women. Lived experience.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 A história quilombola no Brasil: O aquilombar na percepção das mulheres quilombolas	12
2.2 Comunidade Quilombola Dona Juscelina – Historicidade, Força e Expressão em suas territorialidades	14
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
4.1 A liderança feminina nos quilombos – histórias e vivências	17
4.2 Escrivência de mulheres quilombolas: saberes ancestrais e olhares	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE I	25
APÊNDICE II	26

1 INTRODUÇÃO

“Escrever cartas é uma maneira de estar com os outros, de comunicar, de partilhar, de ensinar e de aprender” (Freire, 2000, p. 23).

Os recursos da memória de uma consciência que, no Brasil, escondeu, desvalorizou ou não incorporou as resistências dos povos africanos e indígenas não nos permite acessar a potência dos sujeitos insurgentes da nossa história (González, 2018), especialmente, no que compete às mulheres quilombolas, suas vivências e práticas ancestrais.

As memórias se encontram nos espaços de convivência mútua, nos terreiros, nos quilombos, nos territórios ancestrais, nos povos da floresta, nos movimentos com os anciões e os griôs (Milhomem, 2021) proporcionando as trocas intergeracionais nesses territórios (Soares, 2021), que por vezes, encontram-se esquecidos ou pouco valorizados nas narrativas hegemônicas (Gramsci, 1917).

Nesse contexto, o presente trabalho objetiva captar, em síntese, as vivências das mulheres quilombolas e suas atividades na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, localizado no município de Muricilândia, Estado do Tocantins, Região Norte do Brasil, conforme mostra a Figura 1, a seguir:

Figura 1 – Mapa da localização geográfica do Memorial da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia-TO



Fonte: produzido por Da Costa e Silva (2026).

Utiliza-se, neste trabalho, a metodologia ativa da escrevivência (Souza & Pacheco, 2025), na busca pela reflexão sobre a interculturalidade como caminho possível para um diálogo étnico-racial e inclusivo.

O conceito de escrevivência, emerge como uma categoria teórico-metodológica potente para compreender e valorizar as experiências de vida transformadas em narrativa, especialmente aquelas que partem das margens — negras, indígenas, periféricas, femininas (Evaristo, 2020). Mais do que uma estética, a escrevivência é uma forma de insurgência epistêmica.

A proposta das escrevivências surge como uma possibilidade potente de inserção de narrativas contra hegemônicas, ao aproximar um potente diálogo que fortalece a centralidade da narrativa de si como instrumento de resistência, cura e transformação social, destacando a importância da autodescrição, como uma prática política e pedagógica (Hooks, 2000).

A memória comporta a trama histórica da vida vivida que ficou marcada nos corpos, nos sentidos, nas dimensões materiais e imateriais da vida em comunidade. Nos quilombos são as mulheres, principalmente, que tecem os sentidos dessas memórias e dão liga a elas (Hooks, 2000; Evaristo, 2020).

Nesse viés, o presente trabalho tem como objetivo central analisar de que forma as mulheres quilombolas expressam e percebem o seu papel na comunidade quilombola Dona Juscelina, norteadas pelos seguintes objetivos específicos: a) Descrever a história da comunidade e a liderança feminina; b) Identificar a percepção das mulheres que desenvolvem ações na comunidade supracitada.

A fundamentação teórica desse trabalho está centralizada nos seguintes autores e suas respectivas obras: Gramsci (1917), Haesbaert (1997, 1999), Moura (1981; 1987), Hooks (1995, 2000), Bonnemaison (2000), O'dwyer (2002), Freire (2000), Federici (2017), González, 2018, Evaristo (2020), Ferreira, Eiterer, Miranda (2021), Soares (2021), Souza & Pacheco (2025), dentre outros.

Os capítulos que seguem discutem sobre a história quilombola no Brasil, sua importância, territorialidades, e aspectos sociais. Além disso, o estudo apresenta as narrativas da liderança feminina nos quilombos, a partir da escrevivência dessas mulheres e as suas memórias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo apresenta discussões e aspectos sobre a historicidade quilombola, em especial, a história da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, a partir do olhar das mulheres quilombolas, e da sua líder, *in memoriam*, Dona Juscelina.

2.1 A história quilombola no Brasil: O aquilombar na percepção das mulheres quilombolas

No Brasil, falar das resistências e lutas de mulheres quilombolas denota que a memória traz à tona o que a consciência esconde (Gonzalez, 2018), trazendo uma dialética que rompe por dentro um presente e faz aflorar uma memória que não cabe mais em um passado escondido na história de uma sociedade patriarcal, racista e violenta que tem, na produção e reprodução do trabalho, uma fonte de acumulação do capital (Federici, 2017).

Segundo Duarte (2008, p. 13), “a temática negra abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade”. A importância de abordar a literatura negro-brasileira na escola está presente na lei nº 10.639/03. Essa literatura pode amenizar as sequelas deixadas pelo racismo e resgatar as histórias dos nossos ancestrais. Ler a literatura negro-brasileira é um “aquilombar-se”, ou seja, é dar um outro significado à negritude, a partir das potencialidades negras.

Com o objetivo de ampliar a compreensão do termo referente à ‘mulher quilombola’, faz-se necessário, mais do que nunca, expressar a dor da luta cotidiana em *ser* o complemento de alguém, em uma sociedade em que estas mulheres ainda são vistas como o *não ser*, mas também é preciso falar da força e da esperança que essa luta traz e expressa, em sua representatividade (Gonzalez, 2018).

Nessa compreensão, é importante entender a aplicação do termo ‘quilombo’ na dinâmica de uma prática discursiva. O termo, ainda hoje, se refere à ideia de homens e mulheres negros fugitivos da escravização. Essa concepção está relacionada à formulação do Conselho Ultramarino de 1740, que apresentou a definição quando o Rei de Portugal postulou que Quilombo seria: “[...] toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. De acordo com Ferreira, Eiterer e Miranda (p. 2, 2020):

As origens de formação dos quilombos localizados no território brasileiro são diversas. Foram mediadas por processos variados, tais como fugas e ocupações de terras isoladas, doações de seus antigos donos, heranças, recebimento, compra, dentre outros, tanto durante a vigência da

escravidão quanto após sua abolição, em 1888. Até chegarmos às atuais configurações políticas de um quilombo, houve muitos embates e discussões e o conceito adquire novos estatutos de acordo com o contexto em que está inserido. (Ferreira, Eiterer, Miranda; p. 2, 2020).

Segundo O'dwyer (2002), a categoria quilombo é um objeto simbólico que mobiliza interesses para os diversos sujeitos históricos a partir dos seus contextos. Moura (1981; 1987) propõe o quilombo atrelado ao conceito de resistência, enfatizando-o como uma forma de organização política, ressaltando a importância de que as terras quilombolas devam ser remetidas à organização territorial e à formalização jurídica das terras de uso comum.

Nesse contexto, a ressignificação do termo 'quilombo' e dos sentidos que dizem respeito às Comunidades Remanescentes de Quilombos – termo oficial utilizado para referir-se às comunidades no contexto legal –, orienta as práticas discursivas do grupo em questão, já que a articulação da categoria quilombola passa também pelas formas como o Estado interage com a comunidade, reconhecendo-a ou não (Ferreira, Eiterer e Miranda (2020).

Assim, a legislação federal brasileira atribui às comunidades quilombolas a posse definitiva da terra, assegurando, conforme o artigo 68 - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 – ADCT – (BRASIL, 1988), que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos específicos”.

Todavia, somente em 20 de novembro 2003, a partir do Decreto nº 4.887 (BRASIL, 2003) é que se estabeleceu os procedimentos e instrumentos pela demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos. O presente documento prescreve os termos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a marcação e a titulação de terras ocupadas. A instabilidade legal, desde então, acentuou, ainda mais, as discrepâncias sociais dessas comunidades, por vezes, negligenciadas em suas demandas.

De acordo com os termos do Decreto (Art. 2º), quilombolas são “os grupos étnico-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Esse Decreto define os atores políticos e os processos referentes à constituição das comunidades e exige a constituição de uma Associação Comunitária, uma entidade jurídica que os represente.

Nesse sentido, segundo Leite (2000), o quilombo, enquanto organização, possibilita políticas e estratégias de reconhecimento a partir de três dimensões. A primeira, por meio da “responsabilidade do grupo em definir pleitos com legitimidade e poder de aglutinação, de exercer pressão e produzir visibilidade na arena política onde os outros grupos já se encontram” (Leite, 2000, p. 345).

Nesse contexto, se encontra a Comunidade Quilombola Dona Juscelina localizada no perímetro urbano do município de Muricilândia-TO, às margens da Rodovia TO-222, no norte do Estado do Tocantins, região Norte do Brasil, objeto de estudo do presente trabalho e de reconhecidas lutas em sua trajetória de criação, fixação e reconhecimento. A comunidade leva o nome da sua líder, Dona Juscelina, a qual será melhor apresentada no subcapítulo adiante, neste trabalho.

2.2 Comunidade Quilombola Dona Juscelina – Historicidade, Força e Expressão em suas territorialidades

A comunidade teve início na década de 1950, a partir da migração de um grupo de pessoas liderado pela beata Antonia Barros de Sousa, oriunda da cidade de Filadélfia-TO, deslocada pelo viés religioso (Oliveira, 2018; Santos, 2018). Segundo levantamento histórico, uma parte desse grupo se instalou no Pé do Morro, no então município de Aragominas-TO, e a outra parte, algum tempo depois, se deslocou para fundar a área chamada de Murici, atual município de Muricilândia-TO, cidade-sede da comunidade.

O grupo era formado por romeiros de Padre Cícero e, buscava por melhorias através de uma visão mística das Bandeiras Verdes, que, de acordo com Vieira (2001, p. 150), “as bandeiras ficam para oeste, portanto, com a região da fronteira inexplorada, onde só existem as matas”, sendo posteriormente identificadas como as matas amazônicas. Ao chegaram, as pessoas construíram suas territorialidades e fundaram suas comunidades.

A comunidade é marcada por lutas territoriais, especialmente, após o surgimento das políticas governamentais da Amazônia Legal, na década de 1970-1980, com a implementação na nova fronteira agrícola do país, o MATOPIPA, onde ocorreu a perda de territórios das comunidades que ali viviam e já estavam inseridos e territorializados.

É válido ressaltar, o uso do território por uma figura de autoridade, ou melhor, uma figura de liderança, representada aqui pela beata romeira de Padre Cícero, Antonia Barros de Sousa, que chega ao Pé do Morro e parte de seu grupo se desloca para as margens do Rio Muricizal, em 20 de agosto de 1952, para fundarem a cidade de Muricilândia-TO, com a chegada, a posteriori, de Lucelina Gomes dos Santos, a então conhecida líder Dona Juscelina, da qual a comunidade leva o seu nome. Sendo assim, segundo Santos (2018), o território envolve, ao mesmo tempo, as relações efetuadas pelo homem na natureza/ambiente; e

compreende os ambientes natural e construído em sistema, a partir dos pressupostos filosóficos da fenomenologia. Para Bonnemaïson (2000, p. 128):

O território nasce de pontos e marcas sobre o solo: ao seu redor se ordena o meio de vida e se enraíza o grupo social, enquanto que em sua periferia, e de maneira viável, o território se atenua progressivamente em espaço secundário, de contornos mais ou menos nítidos (Bonnemaïson, 2000, p. 128)

De fato, as marcas estão no território e também na memória da comunidade e, nesse sentido, o território assume significações e são possíveis várias interpretações, como aponta Haesbaert (1997, p. 41):

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (Haesbaert, 1997, p. 41)

Nesse sentido, o território permite um entendimento da configuração da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, que tem em sua gênese, um território ancestral constituído através de lutas territoriais e processos dos quais emergem discussões sobre des(re)territorialização (Sudré, Leite, Da Silva, 2020) sendo a sua figura maior, uma líder feminina, Dona Juscelina, que traz consigo, a reafirmação do protagonismo da mulher, especialmente, a da mulher quilombola, como um processo de existência e resistência.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A presente pesquisa se apresenta de abordagem qualitativa de dados e natureza descritiva e exploratória, tendo como recorte socioespacial, a Comunidade Quilombola Dona Juscelina, localizada em Muricilândia-TO. Para captação de dados, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática e áreas correlatas, assim como uma pesquisa-ação participante, onde foi possível a coleta de depoimentos pessoais através da Metodologia Ativa – Escrivência (Evaristo, 2020, Souza & Pacheco, 2025).

Por meio de um contato prévio com cada mulher que se dispôs a participar dos depoimentos, foram agendados dias e horários, de acordo com cada disponibilidade, para um encontro presencial, onde cada uma participante teve a liberdade de fala e escrita a próprio punho. Todas as mulheres participantes expressaram suas concordâncias a partir da leitura do termo de consentimento (Apêndice I), no início de cada entrevista, informando que cada participante poderia desistir de sua participação a qualquer momento de sua fala.

Para análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (1977), que é uma técnica que se concentra na identificação e classificação das proposições ou ideias centrais

presentes nos dados coletados, permitindo uma compreensão mais profunda e rigorosa do conteúdo analisado. A metodologia proposta por Bardin (1977) é amplamente utilizada e consiste em uma abordagem sistemática e estruturada para analisar dados textuais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É nesse cenário de conhecimentos e saberes diversos, de rigor teórico e ético, que a presente pesquisa foi desenvolvida, sendo apresentado, a seguir, o resultado da escrevivência de mulheres quilombolas da Comunidade Dona Juscelina, em Muricilândia-TO.

É válido ressaltar, que o que será dito, neste capítulo, sobre mulheres quilombolas também será dito sobre mim, Maria do Rosário Monteiro dos Santos, mulher quilombola, que mesmo estando enquanto pesquisadora, e graduanda do Curso de Turismo da Universidade Federal do Norte do Tocantins, compartilho o meu olhar e vivências na comunidade, enquanto mulher quilombola.

O que trouxe comigo desse período de dois anos de curso e de pesquisa-ação participativa na comunidade, me atravessou de uma forma que não me permite, por questões éticas e também políticas, falar a partir de qualquer distanciamento proposto por um modelo científico que ainda, infelizmente, pensa sujeitos como objetos, problemas ou temas (Ramos, 1995). Assim, compartilho o meu próprio relato e as figuras 2, 3, 4 e 5 a seguir:

Nunca me imaginei fazendo faculdade, mas aqui estou, e hoje me sinto realizada por estar conseguindo superar obstáculos. Participei de vários eventos, pesquisas, visitas técnicas, e viajei representando a comunidade e o movimento quilombola, o que muito me honra. Nesses dois anos, por orientação médica, retomei uma velha prática: o bordado. E durante as viagens à universidade, que não foram poucas, consegui bordar um conjunto de cozinha, o qual presenteei a minha professora orientadora. Hoje me sinto mais forte e por isso quero passar essa mensagem para mais mulheres quilombolas (Maria do Rosário Monteiro dos Santos, 2026).

Figuras 2, 3, 4 e 5 – Participação em eventos, artesanato e Grupo de Raizeiras





Fonte: Acervo pessoal e do Curso de Turismo UFNT (2026)

Dessa forma, os relatos que se sucedem, neste subcapítulo de resultados e análises, expressam, antes de mais nada, a vivência de mulheres quilombolas, grupo no qual me incluo e me sinto acolhida e representada.

4.1 A liderança feminina nos quilombos – histórias e vivências

A historicidade da Comunidade Quilombola se confunde com a história de vida da sua líder fundadora, Dona Juscelina, em diversos contextos e aspectos, representando assim, a sua força e trajetória de luta pela causa. O nome completo de Dona Juscelina, matriarca e líder histórica do quilombo localizado no município de Muricilândia, no norte do Tocantins, era Lucelina Gomes dos Santos.

O território é oficialmente denominado Comunidade Quilombola Dona Juscelina em sua homenagem à Dona Lucelina, sendo desde então, uma referência de resistência do povo negro na região. Ela chegou ao município de Muricilândia em 1962 e, devido à sua trajetória de vida e militância, recebeu o título de Doutora Honoris Causa, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) em 2021. A líder faleceu em julho de 2021, aos 90 anos, deixando um legado

de luta e incontestável legado. Na figura 6, é possível observar a presença de Dona Juscelina com a sua religiosidade e representatividade, presentes no memorial, que leva o seu nome, conforme segue:

Figura 6 – Dona Juscelina no memorial que leva o seu nome



Fonte: Arquivo Memorial Dona Juscelina (2026)

Em 2012, Dona Lucelina Gomes dos Santos recebeu da Câmara de Vereadores de Muricilândia o título de Cidadã Muricilandense pelos serviços prestados à cidade na construção da comunidade quilombola e por ter contribuído na preservação da cultura e na defesa dos direitos da comunidade (Milhomem, 2021). Além disso, a Secretaria Estadual de Cidadania e Justiça, em 2016, concedeu-lhe o prêmio Boas Práticas em Direitos Humanos Categoria VIII – Igualdade Racial, como reconhecimento de sua luta em defesa dos direitos da comunidade quilombola.

Parteira muito conhecida na região, Dona Juscelina realizou 583 partos, contribuindo, de forma efetiva, na formação de Muricilândia, especialmente, por ter auxiliado na realização de vários partos, proporcionando o nascimento de várias pessoas, e apoiando mulheres que davam à luz, muitas vezes, sem acompanhamento médico algum e em condições precárias.

Essa experiência de vida, que não foi obtida através dos bancos universitários, mas pela vivência de uma líder comunitária, certamente, fez de Dona Juscelina, uma referência em sapiência, coletividade, e representatividade feminina. A sua força e coragem formam o alicerce

da comunidade, e o seu legado é passado de geração em geração, em todos os ritos e costumes locais. Um desses costumes, está representado nas festividades já tradicionais do quilombo, sendo uma delas, o Festejo da Abolição, que ocorre anualmente, no mês de maio, reunindo várias outras comunidades circunvizinhas, conforme demonstram as figuras 7, 8, 9 e 10:

Figuras 7, 8, 9 e 10 – Festejo da Abolição na Comunidade Quilombola Dona Juscelina



Fonte: Acervo da comunidade e do Curso de Turismo UFNT (2026)

4.2 Escrivivência de mulheres quilombolas: saberes ancestrais e olhares

Nesse subcapítulo, seguem os relatos redigidos a próprio punho, e disponíveis na íntegra enquanto apêndice II desse trabalho, coletados via metodologia ativa da escrivivência de mulheres quilombolas partícipes da Comunidade Quilombola Dona Juscelina:

Eu, Lúzia, sou quilombola desde quando começou o quilombo Dona Juscelina. Participo das festas do quilombo, ajudo a preparar os alimentos das festas quando precisa. Participo das reuniões das pessoas do quilombo como por exemplo: a Viagem da Marcha das Mulheres e Sempre estou à disposição para o que for preciso. Agora faço parte do grupo Outras Raízes. Faço xarope para gripe, sei fazer xarope para Pneumonia, para tosse, para bronquite asmática, faço remédio para febre, infecção, para Mulher quando está com útero inflamado, para anemia. Receita/ Remédio para Pneumonia: Semente do quiabo, do gergelim e o caroço do algodão. Modo de Preparo - Pisa o caroço de algodão com a semente do quiabo, o gergelim, aí tira o leite. Queima o açúcar, aí bota o leite dentro do açúcar queimado, leite de todas as sementes. Tomar 3x ao dia, uma de sopa ao dia. (Lúzia Vieira dos Santos, 2026).

Na metodologia, as mulheres receberam papel, lápis, e coleção para colorir, e assim se expressar da forma como acreditam ser mais adequada, em conversa pré-agendada. Nesse caso, foi dito às mulheres que elas poderiam expressar as suas vivências, e como elas participavam do quilombo, dos eventos, dos grupos, e demais espaços de ação comunitária. A Luzia faz parte

do grupo das mulheres raizeiras e, por isso, trouxe a sua experiência através de uma receita. No relato a seguir, se apresenta a quilombola Marinalva Ribeiro da Cruz:

Eu, Marinalva, participo do quilombo Dona Juscelina desde 2022. Na participação foi criada um grupo de mulheres raízes que desenvolve a fabricação de remédio naturais feito de ervas medicinais, na qual foi criado uma cartilha com as receitas dos medicamentos e xaropes naturais. Eu faço parte desse lindo grupo de mulheres quilombolas, me considero uma mulher raiz. Eu faço remédio pra gripe: ingrediente: açúcar ou mel cebola, malvado sereno, hortelã. Modo de preparo: Primeiro coloca pra queimar o açúcar, em segunda coloca as folhas, a cebola e deixa no fogo baixo até engrossa e depois é só coar e colocar em um recipiente com tampa e guarda. (Marinalva Ribeiro da Cruz, 2026).

O depoimento acima aponta o laço afetivo entre as atividades do quilombo e as mulheres que o compõem, haja vista, o carinho nas palavras expressas e a disponibilidade em participar das atividades e grupos, conforme análise do discurso (Bardin, 1977). A partir dos depoimentos, é possível destacar de acordo com Bosi (1983, p.18):

A função social do velho é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, "não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie", a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. (Bosi, 1983, p.18)

Na explanação de Bosi (1983), é possível observar como a sociedade retrata o etarismo, abarcando um olhar de inutilidade para o idoso. Diferentemente, no contexto comunitário, o idoso desempenha papéis de liderança e é reconhecido por sua sabedoria e serviços prestados. Nos próximos depoimentos, estão quilombolas atuantes do Grupo Mulheres Raizeiras - Lucenite da Silva Ferreira Moura, Marina Pereira e Silva e Antonia Walmiria Batista dos Santos Lima, conforme segue:

Vendo meus antepassados usando plantas medicinais para tratar várias doenças com base em saberes ancestrais, assim começou minha história na comunidade Dona Juscelina, na qual hoje faço parte de um grupo chamado Mulheres Raízes. Ex: de Vivência chá p/ cólicas renais. Erva conhecida como (cana de macaco/pariri) juntar as duas ervas lavar bem cortar a cana de macaco em pequenos pedaços e colocar as duas juntas e uma panela e deixar em cozimento por 30 minutos coar e tomar 100 ml duas vezes ao dia. (Lucenite da Silva Ferreira Moura, 2026).

Eu me chamo Marina Pereira e Silva, sou quilombola da Comunidade Dona Juscelina no município de Muricilândia-TO. Eu faço parte do Grupo de reza, marianos de dança, e do Grupo das Mulheres Raízes. Falando especificamente sobre as Mulheres Raízes, eu gosto muito de fazer parte, de trocar ideias e experiências. Dentro do Grupo faço xaropes de vários erros, os que mais uso são: malva do reino, alfavaca, babosa entre outros. Essas ervas utilizo para fazer xaropes medicinais e junto as ervas adicionamos outros ingredientes como por exemplo: limão, açafraão, semente de sucupira, semente de imburana e para de jucupirá e alho. Esse xarope serve para utilização de jovens, crianças e adultos. Tomamos enquanto estão gripados ou resfriados. (Marina Pereira e Silva, 2026).

Eu sou Antônio Walmiria da comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia-TO. Faço parte dessa comunidade há anos. O Quilombo tem seu

reconhecimento sociocultural, em seus territórios que foi formado por grupos de pessoas. Sou mulher raízes e faço parte do grupo de associação das mulheres raízes, aprendendo e usando os nossos saberes, com plantas medicinais como garrafada, chá, mel. Receita: Garrafada da casca de Cagaça d'água - Benefícios – Diminui o tamanho do mioma, trata inflamações do trato reprodutivo feminino. Ingrediente – casca de Cagaça d'água – 1 garrafa de vinho Branco. Modo de Preparo – Coloque as cascas de Cagaça d'água para molhar ao sol durante um dia. Corte-as em pedaços pequenos. Preencha uma garrafa, até a metade, com as cascas e completa (Antonia Walmiria Batista dos Santos Lima, 2026).

O Grupo de Mulheres Raizeiras da Comunidade Quilombola Dona Juscelina é formado por guardiãs das tradições e da biodiversidade local. Elas desempenham um papel central na preservação dos saberes ancestrais, do cultivo e do uso de plantas medicinais do Cerrado (Souza, 2021). As mulheres são consideradas as grandes responsáveis pela transmissão de conhecimentos tradicionais e pela manutenção cultural e territorial. Elas detêm um vasto conhecimento sobre as propriedades curativas e medicinais das plantas do Cerrado, utilizando-as para cuidar da saúde de suas famílias e do próprio povoado. Seguem as figuras 11 e 12 de algumas atividades desenvolvidas no grupo:

Figuras 11 e 12 – Grupo Mulheres Raizeiras



Fonte: dados da pesquisa (2026)

A seguir, está a descrição das vivências das mulheres quilombolas, Elidione Batista de Lima e Maria Fernandes Soares:

Eu sou Elidione Batista de Lima, da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, Sou Quilombola há muitos anos. A comunidade é localizada na várzea ribeirinha na cidade de Muricilândia-TO, O Quilombo Dona Juscelina teve reconhecimento através da lei de 14 outubro 2009, mas ainda luta pelo seu território que foi formado por grupos de pessoas que foram escravizados. Atualmente faço parte do grupo mulheres da associação que são tratadoras de plantas com vivências durante a idade, receitas, garrafadas, chá, melados, maladises e xaropes, aqui representamos as memórias ancestral. (Elidione Batista de Lima, 2026).

Eu, Maria Fernandes Soares, participo do Quilombo Dona Juscelina desde 2014, quando foi feito os cadastros. Participo das oficinas que são oferecidas no Quilombo. Depois de algum tempo foi criado a ideia de um grupo de Mulheres Raízes que pudesse fazer xaropes e outros medicamentos naturais. (Maria Fernandes Soares, 2026).

Por fim, no Apêndice II, é possível observar os relatos em sua totalidade e as imagens captadas nas visitas agendadas com as mulheres quilombolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente trabalho de pesquisa, conclui-se que, as mulheres quilombolas organizam o território, dinamizam, potencializam e fornecem alimento ancestral para o modo de ser das identidades quilombolas, em especial, na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia. E a experiência dessas mulheres no trato social, compartilhando vivências, histórias e a sua visão de mundo tem fortalecido a comunidade, como um todo, desde a sua fundação, que ocorreu através da luta e resistência também de outras mulheres, como a matriarca Dona Juscelina.

A prática da escrevivência permitiu que as mulheres acessassem a memória e a ancestralidade como fontes de ensinamento para a construção de um mundo mais igualitário, justo e seguro para todos.

A agroecologia, a defesa das florestas, dos biomas, do clima, da natureza, e dos costumes foram temáticas transversais aqui trabalhadas, e que expressam, integralmente, o pensar comunitário da luta pelo direito à vida digna e ao bem viver dos povos das florestas, dos quilombolas, dos ribeirinhos e dos habitantes do planeta. A memória das lutas e resistências das mulheres latino-americanas, africanas, indígenas, quilombolas e negras sobreviveu, reexistiu e auxiliou a reconstrução de modos de vida comunitários, uso comum de espaços comuns, saberes e conhecimentos de cura, cuidado da saúde, e técnicas próprias de interagir e produzir suas sobrevivências a partir da terra. Essas memórias e saberes podem ser inspiração e fonte de conhecimento reais para saídas alternativas ao modo de vida mercantilizado e autodestrutivo do capital.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.
- BONNEMAISON, Joël. **La Géographie culturelle**. Paris: Éditions du CTHS, 2000.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: T. A Queiroz Editora, 1983.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado; Horizonte Ltda., 1998.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Decreto nº 4.887**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2003.
- BRITO, Eliseu Pereira de. Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocaninense. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia. Goiânia, 2016.
- DA COSTA E SILVA, Cayo Cesar Gregorio. **Mapa da localização geográfica do Memorial da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia-TO**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/> . Imagens: Google Earth. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2026.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura afro-brasileira: um conceito em construção”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de, p. 11-23. 2008.
- EVARISTO, C. Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Organização: Constância Lima Duarte e IsaBella Rosada Nunes. Ilustrações: Goya Lopes. Rio de Janeiro: **Mina Comunicação e Arte**, 2020.
- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales; EITERER, Carmem Lúcia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Raça e gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, p. e63121, 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.
- GONZÁLEZ, L. Sexismo e racismo da cultura Brasileira. In: GONZALEZ, L. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. **Diáspora Africana**, 2018. p. 190-214.
- GRAMSCI, Antonio. **Odeio os indiferentes: escritos de 1917**. Boitempo Editorial, 2020.
- HAESBAERT, R. **Identidades Territoriais**. In. ROSENDHAL, Z e CORRÊA, R. (org.). *Manifestações da Cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**. Niterói: Editoria da UFF, 1997.
- HOOKS, bell. “Intelectuais Negras”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, jan. 1995.

HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody: Passionate politics**. Pluto Press, 2000.

MILHOMEM, Jannete da Silva. Quintais produtivos das mulheres quilombolas griôs do quilombo dona Juscelina, Muricilândia-TO: Perspectivas de práticas educativas e culturais (2018-2021). **Dissertação de Mestrado**. – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFNT, 2021.

LEITE, Ilka Boaventura. “Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas”.

Etnográfica, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões na Senzala, Quilombos, Insurreições, Guerrilhas**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MOURA, Clóvis. **Quilombos, Resistência ao Escravismo**. São Paulo: Ática, 1987.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Editora FGV, 2002.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO. **Dissertação de Mestrado** – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

SANTOS, Katiane da Silva. Do passado ao presente: A Festa da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO. **Dissertação de Mestrado** – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território. Araguaína: UFT, 2018.

SILVA, Thiago Henrique Costa; ROTONDANO, Ricardo Oliveira; MORAES, Oriel Rodrigues. Aquilombar: verbo coletivo. **ReDiS-Revista de Direito Socioambiental** (UEG), v. 1, n. 1, p. XVII-XXII, 2023.

SOARES, Maria Raimunda Penha. Territórios insurgentes: a tecitura das lutas e das resistências de mulheres quilombolas. **Revista Katálisis**, v. 24, n. 3, p. 522-531, 2021.

SOUSA, Elaine da Silva. Protagonistas de sua história: territorialidades femininas da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO. 2021. 141f. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Nacional, 2021.

SOUZA, Juliana dos Santos Lino; PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Escrivências e interculturalidade na educação básica: práticas pedagógicas interseccionais. **Educação & Sociedade**, v. e297956, 2025.

SUDRÉ, Stephanni Gabriella Silva; LEITE, Andressa Ferreira Ramalho; DA SILVA, Raimundo Welisson Sousa. Quilombos tourism potentiality: analysis of the quilombola cocalinho–tocantins. **Identities of tourism in the tocantins**, p. 33.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. À Procura das Bandeiras Verdes: viagem, missão e romaria – Movimentos sócio religiosos na Amazônia Oriental. **Tese (doutorado)** – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 2001.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO

O(a) participante(a) _____ foi selecionado e está sendo convidado(a) a participar da pesquisa que objetiva a elaboração do trabalho científico com o seguinte título: **ESCREVIVÊNCIA DE MULHERES QUILOMBOLAS: Utilização de metodologias ativas e visuais para a expressão da historicidade** de responsabilidade do(a) pesquisador(a): **MARIA DO ROSÁRIO MONTEIRO DOS SANTOS**, discente do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo – UFNT – Campus Araguaína - TO, orientado(a) pela Prof^a Dra. Andressa Ramalho, lotada na mesma instituição. O trabalho é desenvolvido como atividade conclusiva para o título de Tecnólogo em Turismo. As respostas e os dados obtidos neste estudo serão tratados de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste **TERMO DE CONSENTIMENTO** e estou de acordo com a participação no estudo proposto.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE II

Eu sou quilombola desde
quando começou o quilombo dona fuselina
Participo das festa do quilombo, ajudo
a preparar os alimentos das festas
e preciso Participo das Reunião das raízes
do quilombo como por exemplo: Aliagem
da marcha das Mulheres e sempre estou
a disposição Para o que for preciso, agora
faço parte do grupo Mulheres raízes, faço xarope
Para gripe sei fazer xarope para Pneumonia
Para tosse Para bronquite asmática, faço
remédio Para febre, Infecção Para Mulher
quando esta com útero inflamado, Para
menstruação.

Recita

Remédio Para Pneumônia

Recita: Semente do quabo do gígilin e
o caroço do algodão

modo de Preparo

Pissa o caroço de algodão com a semente
do quabo, e o gígilin, aí tira o leite.

Quima o açúcar, aí bota o leite dentro
do açúcar quimado, leite de todas as
sementes. Tomar 3X ao dia uma
de sopa ao dia.

x Lúcia Vieira dos Santos

Receita

Bronquite asmática

Corta o coração da banana

afolha da cubra

Ótela Rujo folha santa maria do
rujo ferva

leava todas as folhas e bota pra cozinhar
depois que tiver cozido você coa e põe

apicarem em uma Panela Para guimar

e bota o cozimento dentro da Panela

pra apurar Para tirar o xarope pode

ser açúcar ou mel.

eu marinda participo do quilombo Dona Juacelina desde 2022 na participação foi criada um grupo de mulheres raízes que desenvolve a fabricação de remédios naturais feitos de ervas medicinais na qual foi criado uma cartilha com as receitas dos medicamentos e xaropes naturais, eu faço parte desse lindo grupo de mulheres quilombolas me considero uma mulher raiz:

eu faço medido pra gripe: ingrediente:
açúcar ou mel
cebola malva do reino hortelã: modo de preparo

primeiro coloca pra queima o açúcar e em seguida coloca as folhas e a cebola e deixa no fogo baixo até engrossar e depois e só coar e colocar em um recipiente com tampa e guardar

marinda Ribeiro da Cruz

1) Que te despertou a ser Mulheres Raízes no quilombo dona Juscelina?

Desde meus antepassados usando plantas medicinais para tratar várias doenças com base em saberes ancestrais, assim começou minha história na comunidade dona Juscelina, na qual hoje faço parte de um grupo chamado mulheres raízes

Ex: de Vitória chá P/ lólicas renais

Erva conhecida como (cana de maracá)

,, ,, ,, (paruri) juntar as duas

ervas lavar bem cortar a cana de maracá em pequenos pedaços e colocar as duas juntas e uma panela e deixar em cozimento por 30 minutos levar e tomar 100 ML duas vezes ao dia



cana de maracá

paruri

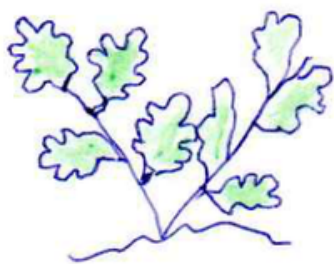
Luciene da Silva Ferreira Moura

Mulheres Raízes

Eu me chamo Marina Pereira e Silva sou quilombola, da comunidade Dona Jurelma no município de Murici - Alagoas - TO. Eu faço parte do grupo de reaproximação de docas, e do Grupo das mulheres raízes.

Falando especificamente sobre os mulheres raízes e gosto muito de fazer parte, de trocar ideias e experiências. Dentro do grupo faço vapores de vários ervas, as que mais uso são "malva do reino, alfavaca, babosa entre outras.

Essas ervas utilizo para fazer vapores medicinais e junto as ervas adiciono outros ingredientes como por exemplo limão, acafra, semente de urucum, semente de imbuena e fava de guajira e alho. Esse vapor serve para utilização de pessoas grávidas e idosos tomando quando estão gripados ou resfriados.



Malva do reino



Alfavaca

Marina Pereira e Silva

Entre vista

Eu sou Antonio Valmiria da comunidade
Quilombo Dona Guelma, em Muricelandia-
TO! Sou parte desta comunidade há anos.

O Quilombo tem seu reconhecimento
sociocultural em seus territórios que foi
formado por grupos de pessoas.

São mulheres, pois são partes do grupo
de associações das mulheres raízes, aprendendo
e passando os nossos saberes, com plantas
medicinais como garrafado, chá, mel das
antilhas maternas.

Receita

Garrafado da casca de Sogra d'água

Benefícios = diminuir o tomorão do mioma, trata
inflamações do trato reprodutivo feminino

Ingredientes = casca de Sogra d'água - 1 garrafa de vinho
Branco.

modo de Preparo = Coloque as cascas de Sogra
de água por 24 horas ao sol durante um dia,
deixe-as em pedacinhos pequenos. Preencha uma garrafa
até o metade com as cascas e completa

com vinho branco. Tenas 50 ml pelo
monia.

Observação

Se for feita com o vinho branco pode ser
armazenado tanto fora, quanto dentro da
geladeira. Aguardar 24 horas p/ iniciar o
consumo.

Antônio Valmírio Batista dos Santos
Lima

22-04-2026

Entre vista

Com Elidione Suma da comunidade,
Quilombola. Para Juscelina, Sen
Quilombola. idê muitos anos, que é
Juscelina na área urbana na cidade
de murici alondia - TO, O Quilombo Sen
Juscelina teve reconhecimento idê de de
14 outubro 2009, mais ainda luta pela seu
território que foi formado por grupos de
pessoas que foram escravizados.

Atualmente faz parte do grupo mulheres.
reais da associação que são os truco
de plantas variadas durante as ações, de
receitas, garropadas, chá, melados, melados e
Xonoxes, aqui representamos as memórias ancestral.

Receitas

Garropada da casca de maracujá

Benefícios = Trata inflamação em geral

Ingrediente = casca de maracujá 1 L de água filtrada

Validade = 4 meses.

modo de preparo =

Corte a casca de maracujá em 16 pedacinhos pequenos
e lave em água corrente. Em seguida, leve ao fogo alto
e deixe ferver por 15 minutos desligue o fogo e deixe p/ 1
espôr em seguida, armazene o líquido, com as cascas

em garrafa de vidro. tome 50 ml diariamente
conservar refrigerado.

Elidione Batista de Lima

~~Elidione~~

22.04-2026

Eu Maria Fernandes Soares

Participo do quilombo dona Jurelino desde sua criação, quando foi feito os cadastros, Participo das oficinas, que são oferecidas no quilombo.

depois de algum tempo foi criado a idôia de um grupo de Melhores Raízes que pudesse fazer xaropes e outros medicamentos naturais, Por Exemplo:

Ingrediente

3 dente de alho, 3 folha de Cebola branca
malva do reino a folhoso, folha de abacaxi
so ortelã.

1 colher de cacá afiada e mel

modo de Preparo

as folhas são colocadas em camadas
vai colocando e vai botando o mel até

colocar todos os ingredientes e pôr pra cozinhar
tamapo sem água so com o suco da
folha. quando solta a calda já está no

Ponto de tomar

3 colheres de sopa 3x ao dia

Maria Fernandes Soares

